

# Prólogo

*Escócia, no ano de nosso Senhor 1380*

— Kael?... — Elise sussurrou e jogou no chão o buquê de açafreão roxo. Balançou a cabeça, descrente, e se engasgou com o soluço que lhe encheu o peito.

O crepúsculo brilhava nas costas suadas de seu marido enquanto ele segurava a outra mulher contra a pedra antiga, a pedra deles, e impelia o corpo violentamente entre suas pernas. As ondas entoavam uma melodia aterrorizante contra a costa, na base do penhasco, e um cheiro almiscarado de sexo se mesclava ao aroma salgado do mar.

Elise permaneceu imóvel, incapaz de se afastar da cena à sua frente.

A mulher se elevou mais sobre a rocha única e apertou os tornozelos em torno das nádegas de Kael. Inclinou-se para o lado e mordiscou-lhe a orelha, os lábios se curvando em um sorriso malicioso, os olhos verdes e brilhantes rindo dela por sobre o ombro largo.

Elise a fitou, chocada com sua aparência: cabelos claros, cílios dourados, maçãs do rosto salientes... Uma cópia fiel dela mesma! Como era possível? Quem seria aquela estranha?!

O homem que ela chamara de marido por quase seis meses segurou firme a cintura da loira e deu uma estocada final. Seu gemido gutural e profundo, que Elise tinha ouvido tantas vezes, antecedeu o choramingo vindo da fêmea que se enrolava em torno dele tal qual uma cobra. Seus músculos se retesaram, e Kael pendeu a cabeça para trás enquanto se aliviava dentro da mulher. A mulher riu, então. Um riso fino, como o tilintar de pequenos sinos, que irritou os ouvidos de Elise e rasgou seu coração.

Ela agarrou o amuleto que Kael lhe dera no dia do casamento e o arrancou do pescoço. Ele prometera ser fiel e mentira. Ele a traíra.

— *Maldito!* — gritou, transtornada.

Ainda com a respiração pesada, Kael virou a cabeça para o lado, as sobrancelhas escuras franzindo sobre olhos azuis e cheios de espanto. Lançou um olhar rápido e confuso para a mulher na qual continuava mergulhado.

— Elise?...

A verdadeira Elise sentiu lágrimas quentes escorrendo pelo rosto e desejou que o pai nunca lhe houvesse dado em casamento ao líder do clã

Kraig.

— Para o inferno com você e seu clã! Mentiroso... Que você e todos aqueles que compartilham seu sangue sejam amaldiçoados pela eternidade! — gritou, arremessando o amuleto contra ele.

A outra mulher ergueu a mão e o apanhou no ar. Conforme esticou o corpo nu sobre a rocha e começou a entoar palavras em uma língua antiga, Kael saltou para longe dela. Eram palavras de magia negra, ele percebeu. Ela arqueou as costas e levantou a mão acima da cabeça, ao mesmo tempo que raios de luz violeta irradiavam do punho cerrado em torno do amuleto.

— Assim será, minha querida Elise... — gritou, gargalhando.

# Capítulo I

*Itália, no ano de nosso Senhor 1486*

— Remova suas vestes, *per favore*.

Embora chocado, Taveon Kraig não ousou negar o pedido da beldade. Sua indiferença confirmava a dúvida persistente que o aguilhoara por quase uma semana. O vínculo da moça com as famílias mais ricas de toda a Itália não poderia mais ser negado. Ela era uma cortesã do império Medici.

Uma onda de excitação o percorreu conforme, mais do que ansioso por se livrar da roupa, ele soltou os grampos que fechavam o gibão cor de vinho. O inferno devia se bem embaixo do solo de Florença, pois nunca conhecera um clima tão sufocante.

— Há um manto sobre a cadeira, caso seja tímido. — Ela apontou para uma das poucas peças de mobília no quarto.

Tímido? Taveon sorriu. Não sabia o significado da palavra.

Após tirar as botas, livrou-se da túnica pela cabeça e ajeitou as vestes com cuidado sobre o espaldar da cadeira, desviando os olhos da meretriz apenas um instante para estudar os entalhes de serpentes e querubins na madeira. Tudo no palácio Medici era ricamente decorado: o mobiliário, os painéis das portas... as mulheres.

A moça levantou a saia marfim, expondo pés descalços, e flutuou com graça pelo quarto a fim de abrir as cortinas de uma janela em arco. Com os olhos e os lábios fechados, inclinou o rosto para cima e sorriu. A luz se derramou sobre sua pele impecável, e os longos cabelos lhe caíram em cascata pelas costas como um véu de seda preta.

Ansioso pelo momento em que iria enredar os dedos naquela massa sedosa, Taveon sentiu as palmas das mãos coçar e os testículos latejar dentro das calças, as quais não conseguia descartar com rapidez suficiente.

*Não se engrace com a menina, ou ela vai acabar na sepultura como as outras!*

A advertência da vidente soou em sua cabeça, contudo ele decidiu se *engraçar* com a garota italiana mesmo assim, pois essa poderia ser a melhor forma de localizar o amuleto.

Libertou-se da última peça de roupa sem tirar os olhos da moça. Ela era linda, e parecia disposta a se divertir em plena luz do dia, bem no meio do quarto mal mobiliado.

— Não há nenhuma cama?

— Não. Vai ter que ficar de pé.

Ela se virou, fazendo o coração de Taveon perder uma batida. Ele iria precisar de todas as forças para não se aliviar dentro dela, pois, se fracassasse naquela tarefa, iria lhe envenenar o ventre com sua semente maldita, assim como fizera com Nessa.

— Estou pronto. — Nu em pelo, e um tanto vaidoso, ele abriu os braços em franca apresentação.

A menina não esboçou uma reação muito entusiasmada diante de seu físico, e Taveon flexionou os músculos, esperando que ela prestasse mais atenção ao que ele considerava uma ereção mais do que impressionante. Seu olhar, entretanto, nem uma vez se desviou para baixo.

Ele franziu o cenho. O que havia de errado com ela?

— Imagino que mestre Lorenzo tenha lhe explicado como trabalho?

— Sim — ele mentiu. Tinha se esgueirado por telhados e corredores só para chegar até ela. Por duas noites, aguardara a oportunidade de passar pelo punhado de sentinelas que guardava o palácio.

A moça caminhou em sua direção e parou a um fio de cabelo de seu peito.

*Senhor!* Ela era pequena e cheia de curvas. Tinha seios fartos, cintura fina e quadris de enlouquecer qualquer um. Devia ser suave e flexível... e contava com uma boa porção de carne da qual ele poderia se servir.

Taveon pensou em todas as maneiras com as quais pretendia prender aquele corpo junto ao seu, o desejo ardendo nas veias. Mal chegara perto dela e já estava encantado com seus olhos. Eram incríveis, de um tom único de violeta: um violeta meio esfumado. Uma mistura erótica de mel e citrino invadiu seus sentidos como lava, e o toque da saia de veludo contra suas canelas fez seus mamilos enrijecer e seu membro se projetar, ansioso. Ele iria desfrutá-la e se recusava a permitir que ela apressasse o processo, independentemente de sua experiência.

Sim, ele iria prová-la e mostrar todas as maneiras pelas quais um escocês poderia proporcionar prazer a uma mulher.

Uma das mãos delicadas se estendeu para tocá-lo, e Taveon se preparou para o contato. Dedos frios tocaram seu peito, e ele combateu o impulso de recuar.

Os olhos cor de violeta da moça se arregalaram. Ela deu um passo para trás e soltou uma exclamação, a respiração acelerada, as sobrancelhas finas e escuras franzidas. Hesitante, mordeu o lábio e o tocou de novo, desta vez com a ponta de um dedo, então tornou a puxar a mão.

— *Cazzo!* — falou em sua língua nativa, contudo a ênfase que colocou na palavra deixou claro que ela praguejava... Ou rezava?

— Por favor, doçura, não tenha medo. — Taveon passou um braço por sua cintura, puxando-a contra si, o membro ereto pressionado contra seu ventre.

Ela sacudiu a cabeça, os olhos se estreitando para fitá-lo.

— Quem é você?

— Sou o único amante que há de querer daqui para a frente ... — Ele se inclinou e cobriu os lábios rosados com os dele na esperança de aliviar o repentino desconforto da moça.

Unhas afiadas se cravaram em seu peito, e um grito vibrou em sua língua. Taveon a soltou, vendo a fúria arder no rosto delicado. O que, em nome de Zeus, havia de errado com ela?

— *Angelo!* — Ela cerrou os punhos, os nós dos dedos esbranquiçados. — Angelo, venha cá, agora!

— Quem é Angelo? — Taveon indagou instantes antes de ela recuar e lhe socar o nariz. Ele cambaleou para trás, depois se curvou ligeiramente conforme a dor lhe castigava o crânio. — *Inferno!* — Endireitou-se outra vez, apertando a ponta do nariz, e olhou para o diabinho à sua frente, em meio aos pontos de luz que agora lhe salpicavam a visão. — Sua vadiazinha!

Ela desferiu outro golpe com o punho fechado.

Desta vez, no entanto, ele se esquivou e apenas sentiu o ar se deslocando próximo ao abdômen.

A porta se abriu e um menino desengonçado, com membros muito grandes para o restante do corpo, correu para dentro do quarto. Era o mesmo que Taveon tinha visto de braço dado com ela no sábado, quando havia ido à missa, na igreja.

O menino, que ele imaginou ser o tal Angelo, segurou-a pelos cotovelos e a sacudiu.

— *Che ccos 'è, Viviana?*

Taveon pôs o roupão para esconder a própria nudez. Se os movimentos da moça não revelavam sua agitação, o modo como ela vociferou não deixou dúvidas quanto a isso.

Embora ele tivesse estudado o dialeto toscano a caminho da Itália, a velocidade com que ela falou tornou impossível decifrar suas palavras.

Um estalido cresceu em volume e antecedeu a entrada de um enorme cão cinzento, de pelos curtos. O animal deslizou para dentro do quarto, latindo, e quase derrapou para dentro da lareira vazia antes de estacar aos pés de Taveon. Seu latido fino, entretanto, não condizia com seu tamanho.

Os instintos de proteção do cão só contribuíram para o pandemônio que se instalou no quarto. Taveon sentiu o sangue abandonar o membro

e latejar em suas têmeoras em consonância com os latidos persistentes do cachorro.

Angelo deixou sua protegida de lado e apanhou um atizador de ferro na lareira, empunhando a arma em um ângulo perigoso.

Taveon reprimiu uma risada. O rapaz parecia determinado a protegê-la, mas ele não ousaria desdenhar de sua coragem.

— *Cos 'hai combinato?* — Angelo o encarou. — O que fez com ela?! — acrescentou em Inglês quando ele não respondeu imediatamente.

— Não fiz nada! — Taveon se defendeu. — Ela me pediu para tirar a roupa. Achei que... bem... eu imaginei... — gaguejou, só então se dando conta de que aquela sereia italiana não tinha a intenção de se deitar com ele.

Perguntou-se quem era o homem que havia deixado aquele mesmo quarto apenas três dias antes. Estava desalinhado, arrumando as roupas e sorrindo, satisfeito.

— Pensou que eu fosse uma cortesã?... — O ultraje a fez levantar a voz uma oitava, porém seu olhar permaneceu fixo no chão, contrariando a força das palavras.

O latido estridente do cachorro tornou a latejar na cabeça de Taveon, fazendo com que ele quisesse arrancar fora as orelhas.

— Não é o modelo que mestre Lorenzo chamou para mim? — Ela esfregou os dedos que usara para esmagar o nariz dele.

— Modelo?

— *Sì*, modelo. — Angelo esclareceu com calma. — Viviana é escultora.

Taveon, bufou, considerando a situação tragicômica. Apertou o cinto do manto e se inclinou, constringido, tentando capturar os olhos da moça.

— Pretendia me esculpir?

— Não você. *A pedra*. — Angelo arrancou o pano de uma estátua já parcialmente cinzelada no centro do quarto. — Foi pago para servir de modelo para *Golias*.

Um calor aqueceu as orelhas de Taveon.

— Perdão, senhorita. Interpretei mal suas atitudes. A senhorita me tocou, e eu...

— Ela esculpe pelo tato, idiota — Angelo interrompeu de novo. — Viviana é cega.

— Cega?

O rosnado ameaçador de Miocchi aumentou em um crescendo, e Viviana considerou deixar o cão morder o estranho. Ele bem que merecia.

O latido do animal era de enlouquecer.

— Senhorita, por favor, acalme esse bicho!

Os latidos de Miocchi também latejaram na cabeça de Viviana, a ponto de ela sentir um incômodo por detrás dos globos oculares. Ela adorava seu animal de estimação, contudo seu latido podia fazer as orelhas sangrar!

Posicionando o mindinho na ponta da língua, soltou um assobio.

— Miocchi, chega! Venha...

Um ganido precedeu as unhas do animal tocando o chão, até que seu nariz frio acariciou a palma da mão dela. Sem se curvar, Viviana esfregou as orelhas do cachorro e acariciou seu pelo lustroso, acalmado-o.

O homem soltou um pesado suspiro.

— Obrigado!

Ela pressionou a mão contra o corpete, sentindo o calor do amuleto contra a pele.

— Angelo. — Estendeu a mão e esperou pelo toque familiar de seu jovem amigo, ansiosa por ver aquele desconhecido por meio dos olhos de Angelo. Os dedos do garoto seguraram os seus e, um instante depois, sua visão embaçou, para depois se concentrar nos tons de cinza do homem diante dela.

*Mannaggia!* Ele era enorme. Um gigante com músculos que já pareciam esculpido em pedra. Ele poderia esmagá-la, assim como Angelo, com uma só mão. Toda sua compleição era escura: cabelos, olhos, pele. O homem poderia facilmente passar por um nativo, porém seu sotaque dizia que ele não fora criado em solo toscano.

O estranho deu um passo à frente e acenou com a mão diante de seu rosto.

— Não me parece cega.

— Afaste-se, Golias! — Angelo meteu o atizador entre eles. — Vou chamar o segurança, Viviana. — Soltou sua mão, lançando-a de volta na escuridão, embora lhe deixasse o atizador.

— Não me deixe sozinha aqui com ele! — O pedido dela se perdeu em meio às passadas rápidas de Angelo saindo do quarto.

Viviana piscou, agarrando a ferramenta com ambas as mãos e movendo a barra de ferro de um lado para o outro. Um puxão a arrancou de seus dedos, e o atizador bateu no chão com estrépito. Ela deixou escapar uma exclamação e cerrou os punhos, como Alberto lhe tinha ensinado.

Miocchi rosnou a seu lado, e ela sentiu o coração disparar no peito. Odiava sua deficiência. Desde que perdera a visão com treze anos.

— Se dá valor à vida, é melhor não me tocar!

— Não vou machucá-la — o estranho afirmou com voz grave bem ao lado de sua orelha, o que lhe provocou um arrepio nos seios.

Viviana virou a cabeça, os cabelos açoitando o pescoço.

— Os guardas Medici vão estar aqui em um instante!

— E eu já terei ido embora.

Ela sentiu uma carícia suave no rosto, pouco antes de ele segurar seu queixo com a mão forte e calejada. No momento em que a tocou, uma luz pareceu piscar, um estranho formigamento percorreu sua espinha, e Viviana avistou uma imagem sem cor dela mesma...

Estava se vendo por meio dos olhos dele, assim como acontecia quando tocava Angelo!

Com os olhos arregalados e a respiração ofegante saindo dos lábios entreabertos, ela parecia tão apavorada como se sentia.

O pânico tomou conta de Viviana, fazendo-a tremer dos pés à cabeça. Ela recuou, esquivando-se do toque, a cegueira voltou, e o caos que invadiu seus sentidos a fez cambalear. Angelo era a única pessoa por intermédio da qual ela já fora capaz de enxergar... até aquele momento.

Parte dela queria conhecer aquele homem que compartilhava o dom único de Angelo, contudo seus instintos lhe diziam para ser cautelosa.

A respiração dele roçou seu rosto e lhe arrepiou a pele. Viviana se concentrou em seus sentidos remanescentes. Um leve odor de vinho se escondia sob um cheiro de hortelã e alcaçuz. O mesmo cheiro que impregnava Radolfo durante o casamento deles.

— O que quer de mim?

Sentiu que ele lhe tocava a clavícula, apenas por tempo suficiente para que uma luz lhe piscasse por trás dos olhos, e a corrente de ouro em seu pescoço deslizou sobre sua pele, pouco antes de ela perceber a pedra pesada que tinha entre os seios sendo erguida.

— Quero o amuleto.

*Não!* Viviana levou a mão ao peito para proteger a pedra, mas não se atreveu a revelar o poder do talismã, temendo que ele o roubasse.

— Mestre Lorenzo não vai deixá-lo ficar com ele. O amuleto pertence à família Medici.

— Não. Ele pertence ao meu clã, e devo levá-lo de volta à Escócia.

O homem era escocês!

Ele recolocou a pedra intimamente entre seus seios, provocando-lhe um arrepio de prazer.

— Mantenha-o seguro para mim até nos encontrarmos de novo.

Passos apressados soaram no corredor quando ela ia afirmar que eles não voltariam a se ver.

— Depressa! — A voz de Angelo se fez ouvir em meio à comoção.

Viviana percebeu o estranho se afastar, e um farfalhar de roupas se seguiu. O manto de veludo bateu em seu peito e depois caiu a seus pés. Ela inclinou a cabeça e esperou o ruído seguinte, o cheiro seguinte, algo

que indicasse a partida dele, mas a chegada dos guardas se sobrepôs ao odor que ela sentira. As sentinelas cheiravam a cebola, cerveja, perfume barato e falta de banho.

— Onde ele está, Viviana? — Angelo agarrou seu pulso e, desta vez, ela o segurou com ambas as mãos. Vasculhou o quarto por intermédio dos olhos de Angelo, mas não havia sinal do escocês. Até mesmo suas roupas tinham desaparecido.

— Venha comigo até a janela. — Arrastou Angelo pelo quarto. — Olhe lá para baixo... Quero ver o pátio.

Angelo fez o que ela pedia e, juntos, eles inspecionaram o jardim. As cortesãs, envoltas em tecidos, posavam ao lado da fonte para o jovem Garzoni desenhá-las. Um tocador de alaúde caminhava entre eles, enchendo o ar com música. O mundo perfeito de Lorenzo continuava em harmonia. Um escocês nu decerto teria causado uma celeuma por ali.

— Nem sinal dele. — Angelo se afastou do peitoril.

Viviana o puxou de volta.

— Olhe para cima! Procure nas paredes externas.

— Não há nada.

*Mannaggia!* Ele tinha ido embora.

Viviana soltou um suspiro frustrado e pressionou a palma da mão contra o peito, protegendo o amuleto. O homem não possuía cérebro se imaginava que ela iria abrir mão daquele talismã. Aquilo não era dela, e Lorenzo não se desfaria dele tão facilmente.

Virou o rosto para os guardas e falou em sua língua nativa:

— Obrigada por sua ajuda, Alberto. Conte a mestre Lorenzo o que aconteceu, *per favore*. Mande consertar o teto e instalar uma trava nesta janela, bem como nas outras duas do meu quarto.

— *Sì*, Viviana. Também vou colocar duas sentinelas do lado de fora da sua porta.

— *Sì, grazie* — ela agradeceu, mas duvidou de que dois guardas fossem suficientes. Segurou firme no braço de Angelo quando este tentou seguir as sentinelas. — Fique mais um pouco, Angelo.

O jovem amigo suspirou, porém ela não demonstrou muita paciência com seu mau humor. Ele postou-o à sua frente, de costas para ela.

— Olhe o quarto, vamos! — O cenário familiar se descortinou à sua frente. — Devagar, *per favore!*... — Viviana revirou os olhos sob as pálpebras fechadas. Ali! — Estacou. — O que é aquilo? — Seguiu Angelo até a janela e pegou um pequeno pedaço de pano manchado do chão, sob o peitoril. Havia uma flor bordada no centro e palavras formando um círculo ao redor. Tentou focar nas letras que o rapaz enxergava e desejou poder se lembrar dos ensinamentos de irmã De Rosa. Mas não

fora mais alfabetizada desde que perdera a visão. — Essas palavras... O que querem dizer?

— É Latim — explicou o rapaz. — “O amor é a recompensa pela coragem”.